

## CONHECIMENTO DOS ACADÊMICOS DA ÁREA DA SAÚDE SOBRE O PAPILOMAVÍRUS HUMANO (HPV)

ANTES, Eduarda\*

GIRARDI, Bruna Amanda\*\*

BRUM, Ana Paula Scherer de\*\*\*

### Resumo

O Papilomavírus Humano (HPV), geralmente, é assintomático e pode ser eliminado espontaneamente. É uma infecção sexualmente transmissível (IST) causada através da contaminação da pele e mucosas caracterizada pelo aparecimento de verrugas no corpo, podendo progredir para câncer do colo de útero. Quer-se avaliar o conhecimento de acadêmicos da área da saúde Unoesc sobre o HPV. Para isso foram realizadas pesquisas referenciais para fundamentar a pesquisa, e o levantamento de dados ocorreu por questionário para maiores de 18 anos e de ambos os sexos. Participaram do estudo, 91 acadêmicos, 87% do sexo feminino e 13% masculino. 100% dos entrevistados confirmaram saber o que é IST, 96% relataram ter conhecimento do que é o HPV, e 76% afirmaram ter conhecimento que o HPV pode causar o câncer de colo de útero. Entretanto, 22% afirmaram não usar preservativo mesmo que previna a transmissão do vírus. Daí a necessidade da realização de novas campanhas de esclarecimentos sobre esta IST.

Palavras-chave: IST. Verrugas. Câncer de colo de útero.

### 1 INTRODUÇÃO

O HPV é o vírus mais preeminente entre as ISTs e é um dos principais fatores no desenvolvimento da carcinogênese, envolvendo 99,7% dos casos de câncer cervical, e uma das principais causas de condiloma genitais e

neoplasia intraepiteliais. Mais de 200 tipos de HPV foram designados por meio da análise de sequências de DNA. Diferentes tipos do vírus têm distinção no tropismo do tecido, associação com diferentes lesões e potencial carcinogênico.

A maioria das infecções por HPV são assintomáticas e são capazes de produzir lesões na pele ou mucosas. Em até 80% dos casos o vírus é eliminado espontaneamente pelo organismo. No entanto, em torno de 20% das mulheres a infecção por HPV acarreta o desenvolvimento de processos inflamatórios que provocam alterações morfológicas nas células do tecido mucoso da região vaginal e quando persistem podem evoluir para câncer. O diagnóstico precoce da infecção permite o acompanhamento médico ou uma intervenção terapêutica nas lesões precursoras, e assim, há grandes possibilidades de cura das mesmas. Uma característica do HPV são as verrugas, e é possível tratá-las ou removê-las por cauterização e, para prevenção do contágio para esse vírus, tem-se a opção das vacinas (bivalente e quadrivalente).

Assim, a adolescência os jovens têm a necessidade de tomada de decisões e de discernimento que nem sempre condiz com a responsabilidade. A iniciação da vida sexual ativa, a curiosidade e os fatores que requerem confirmação em grupo são os motivos que levam alguns jovens a se envolver em experiências imaturas e inconsequentes, o que os torna mais suscetíveis as doenças. Nesse sentido, de acordo com o Boletim de Epidemiologia da Organização Mundial da Saúde (OMS) entre 2004 e 2013 houve um aumento de 25% nos casos de ISTs entre a população jovem, sendo que, a maioria destes casos constava em indivíduos com idade inferior a 25 anos.

O objetivo foi avaliar o grau de conhecimento sobre o HPV entre os acadêmicos dos cursos da área da saúde da Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC); e o conhecimento a respeito das patologias provocadas pelo HPV, vacina disponibilizadas e metodologia de identificação do vírus.



## 2 DESENVOLVIMENTO

### 2.1 MATERIAL E MÉTODOS

#### 2.1.1 CARACTERIZAÇÃO

Trata-se de uma pesquisa exploratória de caráter quantitativo. O estudo foi desenvolvido através da aplicação de questionário que buscou avaliar o conhecimento dos acadêmicos dos cursos da área da saúde da Universidade do Oeste de Santa Catarina, câmpus Videira. A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unoesc, Campus Videira.

#### 2.1.2 AMOSTRAGEM

A amostra do presente estudo foi constituída por 91 alunos matriculados nos cursos da área da saúde da Fundação Universidade do Oeste de Santa Catarina, campus Videira, maiores de 18 anos. A amostra foi constituída por 50 alunos do curso de Farmácia, 20 alunos do curso de Psicologia, 16 alunos do curso de Nutrição, 4 alunos do curso de Biotecnologia Industrial e 1 aluno do curso de Educação Física. Nesta pesquisa utilizou-se da amostragem probabilística aleatória simples visto que os questionários foram respondidos aleatoriamente.

#### 2.1.3 INSTRUMENTOS E TÉCNICAS PARA COLETA DE DADOS

A presente pesquisa trata-se de uma investigação construída a partir das modalidades de pesquisa de campo e bibliográfica, sendo que a pesquisa de campo foi desenvolvida através de questionário eletrônico, pela plataforma disponível do Google formulário. A ciência dos participantes respondentes da pesquisa foi obtida através do termo de consentimento livre e esclarecido disponibilizado por meio de link de acesso no questionário.

#### 2.1.4 ANÁLISE DOS RESULTADOS OBTIDOS

Os dados obtidos a partir do questionário foram agrupados em planilhas do Excel e calculado a porcentagem para os parâmetros analisados dentro da população em estudo. Os resultados são apresentados por meio de gráficos e tabelas.

#### 2.2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente estudo teve a participação de 91 acadêmicos e demonstra resultados importantes a respeito do conhecimento dos acadêmicos dos cursos da área da saúde sobre a prevalência do HPV. No gráfico 1<sup>a</sup>, observa-se que 87% dos entrevistados são do sexo feminino e 13% do sexo masculino corroborando informações de estudos prévios mostrando que a maioria dos estudantes dos cursos da área da saúde são pertencentes ao sexo feminino.

Segundo a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior, a idade média prevalente dos ingressantes na graduação estão na faixa de 18 a 24 anos. Os resultados corroboram com essa informação, demonstrando que 46% dos estudantes que participaram desta pesquisa apresentavam entre 18 e 21 anos, 42% apresentavam entre 21 e 25 anos e 12% tinham mais de 25 anos (Gráfico 1B).

Nesse sentido, inúmeros estudos demonstram que os jovens são os principais afetados por ISTs. Estas são disseminadas, especialmente, por meio do contato sexual sem o uso de preservativo com uma pessoa infectada, e quando se manifestam patologicamente, incluem sintomas clínicos como o aparecimento de feridas, corrimentos ou verrugas. Entretanto, na maioria dos portadores as IST são assintomáticas e, devido a isso, essas infecções se tornam um grave problema de saúde pública em todo o mundo, pois são de fácil disseminação apresentando taxa de crescimento rápida.

Em relação à adesão a participação da pesquisa, 4 dos respondedores pertencem ao curso de Biotecnologia Industrial, 1 ao curso de Educação



Física, 50 ao curso de Farmácia, 16 ao curso de Nutrição e 20 ao curso de Psicologia (Tabela 1).

O uso de preservativo representa a forma mais acessível e eficaz para se prevenir do contágio por ISTs como a sífilis, gonorreia, HIV, alguns tipos de hepatites, HPV e, além disso, ele evita gravidez não planejada. Dessa forma, nossos resultados mostraram que 100% dos participantes entrevistados afirmaram saber o que é IST, além de que a maioria, 52%, afirma utilizar o preservativo durante as relações sexuais. Em contrapartida, 22% não utilizam e 26% relatam o uso esporádico, conforme mostra a Tabela 2.

Apesar de a população jovem ter acesso a um grande número de informações, observa-se que estes continuam a ter relações sexuais sem a utilização de preservativo, na maioria das vezes por questão de inconsequência e imaturidade, assim aumentando com facilidade o contágio por alguma IST.

A infecção pelo HPV é conhecida como uma IST, que se identifica como uma das mais frequentes no mundo. Do qual se supõe que entre 75 e 80% dos indivíduos sexualmente ativos serão afetados no decorrer da vida por pelo menos um dos tipos do HPV. Por ser altamente contagioso, ele pode infectar a pele e mucosas, levando ao desenvolvimento de tumores benignos e malignos. Ao indagar aos participantes sobre a identificação do HPV como sendo uma IST e o que é o HPV, em ambos os resultados, 96% dos entrevistados afirmam ter conhecimento sobre esses assuntos. Entretanto, Abreu e colaboradores demonstraram em uma pesquisa realizada na cidade de Ipatinga (MG) em 2016, onde se avaliou o conhecimento e percepção sobre o HPV na população com mais de 18 anos, que a maioria das pessoas (59,9%) não possuía o entendimento acerca do HPV. Desse modo, podemos afirmar que os resultados que obtivemos, em parte, podem ser explicados devido ao fato da população em estudo ser formada por acadêmicos da área da saúde, os quais tem mais acesso à informação e esclarecimentos sobre este assunto, e dessa forma, estão de acordo com os achados de Panobianco e colaboradores, que demonstraram que mais da metade dos estudantes de um curso de graduação em Enfermagem salientou clareza sobre o HPV.

A infecção provocada pelo HPV ocorre pelo contato sexual desprotegido, onde a presença de fissuras no tecido que reveste o epitélio da mucosa genital possibilita a penetração do vírus. A presença do vírus está devidamente relacionada com o surgimento de lesões como as verrugas genitais (condilomas genitais) e também com o câncer de colo de útero, sendo que estudos demonstram que perto de 98% dos casos de neoplasias desenvolvidas no colo do útero estão relacionadas com a presença do HPV. Neste contexto, 76% dos entrevistados demonstraram saber que o desenvolvimento do câncer de colo do útero ocorre em sua grande maioria pela presença do HPV (Gráfico 2).

Apesar disso, quando os entrevistados foram questionados sobre o conhecimento de casos de pessoas diagnosticadas com o HPV, 80% relataram não conhecer. Além disso, 52% dos entrevistados relacionaram a presença de lesões esbranquiçadas no formato de verrugas à presença do HPV (Gráfico 3). Ainda assim, 35% responderam que não compreendiam quais eram as lesões provocadas pelo vírus, 25% relataram ocorrer prurido e corrimento, 23% que causava lesões que produzem secreções e 15% que ocasiona feridas na pele, demonstrando, com isso, a ausência de informações sobre essa IST.

Como o HPV geralmente não apresenta sintomas, as pessoas acabam não sabendo que foram infectadas com o vírus. A presença de células anormais no revestimento endocervical, revelada através de um exame citopatológico, é a forma com que a maioria das mulheres descobre a presença do vírus do HPV. No entanto, é de extrema importância que a coleta desse método seja bem-feita, devendo ter presença de células da junção escamo-colunar (JEC), pois pode haver que se tenha um resultado falso negativo. Essas células anormais se originam, pois, o vírus invade o tecido da região endocervical e induz a proliferação anormal de células com alterações moleculares. O diagnóstico do HPV é confirmado através de exames laboratoriais de diagnóstico molecular como os testes de captura híbrida e Reação em Cadeia da Polimerase (PCR) que mostram a presença de DNA viral. Esses exames não são disponibilizados pelo sistema público de saúde



para pessoas que não possuem sintomas clínicos relacionados a doença e, muitas vezes mesmo na presença de lesões epiteliais, as mesmas são tratadas e os exames para o diagnóstico de HPV não são solicitados pelo profissional de saúde que atende os pacientes. Esses dados em conjunto com os achados deste estudo demonstram os motivos pelos quais as infecções por HPV não são diagnosticadas.

Quando questionados quanto ao método que acreditavam ser utilizado para a realização do diagnóstico da presença do HPV, cerca de 57% optaram pelo exame citopatológico (Papanicolau), seguido de 35% que relataram desconhecerem qualquer método, sendo que apenas 4% dos entrevistados optaram pela metodologia diagnóstica através das técnicas de biologia molecular (Tabela 3). Dessa forma, observamos a necessidade de campanhas de esclarecimentos sobre as metodologias diagnósticas para estes tipos de infecção, não somente para profissionais da área da saúde, mas também para a população em geral, visto que o exame citopatológico detecta a presença de alterações celulares teciduais que podem vir a se tornar câncer, e não a existência do vírus.

Marque qual metodologia você conhece que seja utilizada para realizar o diagnóstico da presença do HPV.

No Brasil, o Sistema Único de Saúde e a rede particular, têm disponíveis vacinas cujo objetivo é diminuir a disseminação e prevenir o desenvolvimento de lesões teciduais provocadas pelo HPV. Foram registradas e desenvolvidas 2 vacinas para o HPV: a bivalente, que oferece proteção para os tipos 16 e 18, aprovada para prevenir lesões genitais pré-cancerosas do colo do útero em mulheres; a vacina quadrivalente, que confere proteção contra os tipos 6, 11, 16 e 18, para prevenir lesões genitais pré-cancerosas de colo do útero, de vulva e de vagina em mulheres. Além disso, a vacina quadrivalente previne o desenvolvimento de lesões de pênis em homens e anal em ambos os sexos, que são referentes aos HPV 16 e 18, e verrugas genitais em mulheres e homens, pertinentes aos HPV 6 e 11.

A vacina funciona estimulando a produção de anticorpos específicos para cada tipo de HPV [49]. A prevenção da infecção depende do número

de anticorpos produzidos pelo vacinado, da presença desses anticorpos no local da infecção e de sua persistência por um longo período [50]. Iwamoto e colaboradores realizaram uma pesquisa sobre a estratégia de vacinação contra o HPV no ano de 2016/2017 no Brasil, referente a vacinação realizada em meninas (9 aos 14 anos) e meninos (12 a 13 anos), onde constataram que parte das amostras populacionais estudadas compreendem a existência da vacina e das atividades desenvolvidas pelo governo e são favoráveis à sua implantação, no entanto, ainda há relativa resistência à aceitação em outras amostras, principalmente devido ao baixo nível de conhecimento sobre os desfechos da doença e os possíveis efeitos econômicos e socioculturais causados pelo HPV, o que justifica a baixa procura por esse imunobiológico. Nesse contexto, 75% dos entrevistados se mostraram informados acerca da existência das vacinas. Já entre as entrevistadas do sexo feminino, 58% se vacinaram contra o HPV quando as vacinas foram disponibilizadas na rede pública, enquanto outras esclareceram que não estavam na faixa etária que abrangia a campanha de vacinação. Além disso, algumas das entrevistadas relataram que não tiveram acesso a informações sobre a campanha de vacinação.

### 3 CONCLUSÃO

Resumidamente, os resultados do presente estudo mostraram que a maior parte dos entrevistados têm conhecimento sobre a existência das ISTs, inclusive o HPV, e acredita-se que este fato se deve principalmente pela população em estudo ser composta por estudantes de cursos pertencentes à área da saúde. Entretanto, é perceptível que muitos ainda mantêm relações sexuais desprotegidas, o que facilita o contágio e a disseminação, não somente do HPV como também de outras ISTs. Além disso, a grande maioria desconhece o tipo de metodologia que deve ser utilizada para o diagnóstico deste vírus. Nesse sentido, observamos a necessidade do desenvolvimento de



estratégias e ações de modo a esclarecer e levar o conhecimento não somente aos estudantes, mas a toda a população sobre esta IST.

#### 4 CONFLITO DE INTERESSE

Autores declaram não haver conflitos de interesse.

#### REFERÊNCIAS

A IMPORTÂNCIA DA VACINA CONTRA O HPV. Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira (IFF/Fiocruz). Flamengo, RJ, [201-]. [acesso em 2021 abr 26. Disponível em: <http://www.iff.fiocruz.br/index.php/8-noticias/58-hpv>.

ABREU MNS, et al., Conhecimento e percepção sobre o HPV na população com mais de 18 anos da cidade de Ipatinga, MG, Brasil. *Ciência e Saúde coletiva*, vol 23, 2018.

ALMEIDA FL, et al. A vacina contra o vírus HPV para meninas: um incentivo à vida sexual precoce? *Revista Científica Interdisciplinar*. 2014 July-Sept;1(1).

AZEVEDO BDS, REIS CCA, SANTOS KT, DUARTE ACS, BOERY RNSO. Análise da Produção Científica Sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis e Sua Relação Com a Saúde Escolar no Brasil. *Educ. Rev. Belo horizonte*. 2014;

BONANNI P, et al. Vacinação contra o papiloma vírus humano: impacto e recomendações em todo o mundo. *Ther Adv Vaccines* (2014) 3: 3–12. doi: 10.1177 / 2051013614557476

BOSCH FX, et al. Epidemiology and natural history of human papillomavirus infections and type-specific implications in cervical neoplasia. *Vaccine* 2008; 26(10): 1-16.

BOTTEGA, A. et al. ABORDAGEM DAS DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS NA ADOLESCÊNCIA: Revisão de literatura. Suplemento - Artigos de revisão, p. 91-104, 2016.

BRASIL. Guia de vigilância epidemiológica. In: Ministério da Saúde. 6.ª ed. 2005

BRASIL. Ministério da Saúde. GUIA PRÁTICO SOBRE HPV PERGUNTAS E RESPOSTAS. Brasília: Ministério da Saúde, 2017.

Burd EM. Human papillomavirus and cervical cancer. *Clin Microbiol Rev* 2003; 16(1): 1-17

CARVALHO, A. L. S. et al. Sentimentos vivenciados por mulheres submetidas a tratamento para papillomavirus humano. Escola Anna Nery Revista Enfermagem, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 248-253, 2007.

CERQUEIRA GS, et al. Perfil da automedicação em acadêmicos de enfermagem na cidade de João Pessoa. Rev. Conceitos. 2004. 123-126 p.

COSTA ACPJ, et al. Vulnerabilidade de Adolescentes Escolares às DSTs / HIV, em Imperatriz - Maranhão. Rev. Gaúcha Enferm. 2013; 34(3): 179-186.

COSTA LA, Goldenberg P. Papilomavírus Humano (HPV) Entre jovens: Um Sinal De Alerta. Rev. Saúde Soc. 2013; 22(1): 249-261

DADAR, Maryam et al. Advances in Designing and Developing Vaccines, Drugs and Therapeutic Approaches to Counter Human Papilloma Virus. Frontiers In Immunology, [S.L.], v. 9, n. 1, p. 2-4, 12 nov. 2018. Frontiers Media SA.

DOORBAR, J. et al. The biology and life cycle of human papillomaviruses. Vaccine, v. 30, p. F55-F70, 2012.

DORETO DT, Vieira EM. O conhecimento sobre doenças sexualmente transmissíveis entre adolescentes de baixa renda em Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. Cad. Saúde Pública. 2007; 23(10): 2511-2516

FEDRIZZI EN. Epidemiologia da infecção genital pelo HPV. Rev Bras Pat Trato Gen Inf 2011; 1(1):3-8.

FREITAS NO; CARVALHO KEG; ARAÚJO EC. Estratégia de Educação em Saúde para um grupo de adolescentes do Recife. Rev. Adolescência e Saúde. 2017; 14(1):29-36.

HUDELIST G; MANAVI M; PISCHINGER KID. Physical state and expression of HPV DNA in benign and dysplastic cervical tissue: different levels of viral integration are correlated with lesion grade. Gynecol Oncol 2004; 92: 873-880.

HUDELIST G; MANAVI M; PISCHINGER KID. Physical state and expression of HPV DNA in benign and dysplastic cervical tissue: different levels of viral integration are correlated with lesion grade. Gynecol Oncol 2004; 92: 873-880.

INCA. Instituto Nacional de Câncer. Ministério da Saúde. Perguntas frequentes: Como a infecção pelo HPV é diagnosticada em homens e mulheres? [acesso em 2021 abr 26]. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/perguntas-frequentes/como-infeccao-pelo-hpv-e-diagnosticada-em-homens-e-mulheres>.

IWAMOTO KOF; TEIXEIRA LMB;; TOBIAS GC. Estratégia de Vacinação Contra HPV. Revista de Enfermagem. 2017, dez.



JOHASSON M. Immunology of the human genital tract. Current Opinion in Infectious Diseases. v.16 n1 p.43-49, 2003.

LOPES MMC, ALVES F. Conhecimento dos adolescentes do ensino médio sobre doenças sexualmente transmissíveis, em especial sobre Papilomavírus Humano- HPV. Periódico Científico do Núcleo de Biociências Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix (NBC). 2013; 4(8): 15-26

MAGI JC; BRITO SEM; GRECCO ETO; PEREIRA SMM. Formiga GJS. Prevalência de papilomavírus humano (HPV) anal, genital e oral, em ambulatório geral de coloproctologia. Rev Bras Colo-Proctol 2006; 3(26):233-238.

MEIRA BC. A prevenção da infecção depende do número de anticorpos produzidos pelo vacinado, da presença desses anticorpos no local da infecção e de sua persistência por um longo período. Teófilo Otoni (MG), 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde, GUIA PRÁTICO SOBRE HPV PERGUNTAS E RESPOSTAS, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Doenças Sexualmente Transmissíveis; [acesso em 2021 abr 06]. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z-1/d/doencas-sexualmente-transmissiveis-dst#:~:text=S%C3%A3o%20alguns%20exemplos%20de%20IST,hepatites%20virais%20B%20e%20C>.

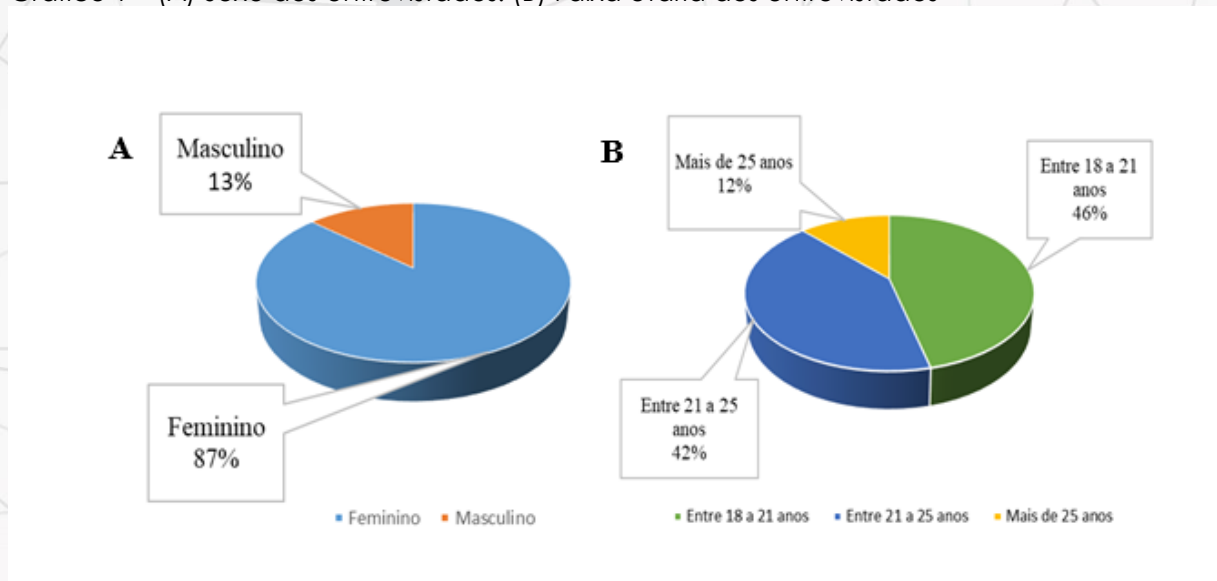
Sobre o(s) autor(es)

\* Graduada em Farmácia, pela Universidade do Oeste de Santa Catarina Campus de Videira.

\*\* Doutora em Ciências Biológicas; Bioquímica Toxicológica; Mestre em Farmacologia; Graduada em Farmácia. Professora do Curso de Graduação em Farmácia da Fundação Universidade do Oeste de Santa Catarina - Campus de Videira.

\*\*\* Mestre em Enfermagem. Graduada em Enfermagem. Professora do Curso de Graduação em Farmácia da Fundação Universidade do Oeste de Santa Catarina - Campus de Videira.

Gráfico 1 – (A) Sexo dos entrevistados. (B) Faixa etária dos entrevistados



Fonte: As autoras (2021)

Tabela 1 - Cursos participantes da pesquisa

Cursos	E
Farmácia	50
Psicologia	20
Nutrição	16
Biotecnologia Industrial	4
Educação Física	1

Fonte: As autoras (2021).

E: Entrevistados.

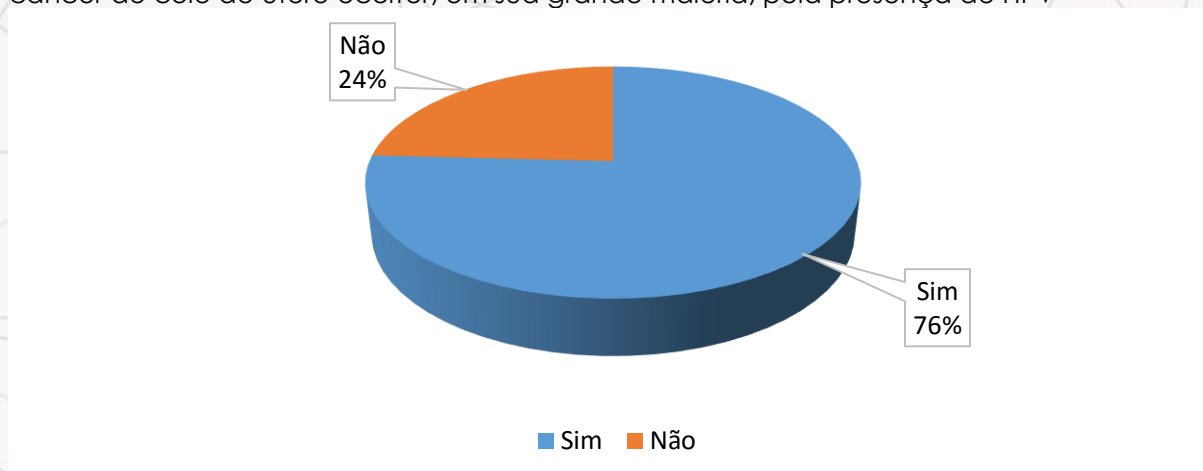
Tabela 2 – Participantes que fazem ou não o uso de preservativo durante a relação sexual

Você utiliza preservativo durante as relações sexuais?	E (%)
Sim	52
Não	22
As vezes	26

Fonte: As autoras (2021).

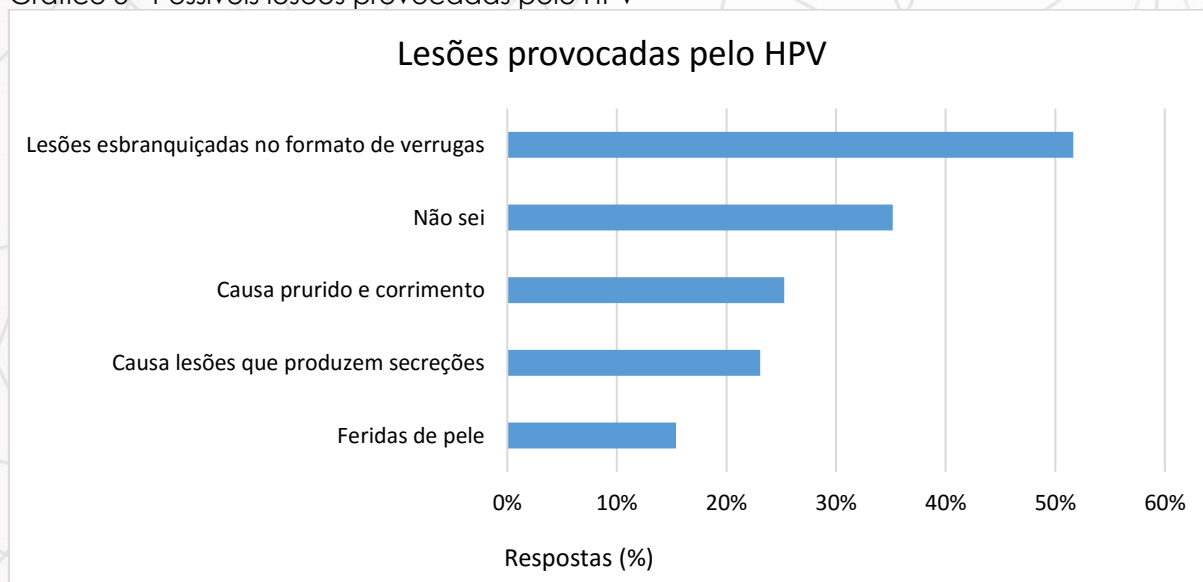


Gráfico 2 - Relação do conhecimento dos entrevistados acerca do desenvolvimento do câncer do colo do útero ocorrer, em sua grande maioria, pela presença do HPV



Fonte: As autoras (2021).

Gráfico 3 - Possíveis lesões provocadas pelo HPV



Fonte: As autoras (2021).

Tabela 3 - Análise da percepção dos métodos utilizados para diagnóstico do HPV

Marque qual metodologia você conhece que seja utilizada para realizar o diagnóstico da presença do HPV.	E (%)
Biologia molecular para detectar a presença do vírus	4%
Deteção de anticorpos contra o HPV	3%
Citopatológico (Papanicolau)	57%
Desconheço o método	35%

Fonte: As autoras (2021).